

**VALMIR BELTRAME**  
Professor



**PLURAL**



**VIRGINIA VECCHIOLI**

Doutora em antropologia social -  
professora UFSM - CSSH

CULTURA E PATRIMÔNIO

## Sentinela no mundo – parte VIII Itália – a viagem que não terminou

Após a viagem ao México, o grupo do CTG Sentinela da Querência trouxe vários convites para festivais de folclore pelo mundo. Por intermédio do CIOFF chegou um convite tentador: Itália. Dois festivais. O primeiro, um carnaval na cidade de Castrovillari, na região da Calábria; depois a Sicília e seu Mandorlo in Fiori, na histórica Agrigento.

Em fevereiro de 2020 o grupo alçou voo para a bela Roma. Três dias de turismo, visitando o Vaticano e o Coliseu, entre tantos pontos turísticos. Dali, rumou para Castrovillari, uma comuna italiana da região da Calábria, com cerca de 25.000 habitantes. A bucólica cidade recebeu grupos do mundo todo para comemorar seu 62º Carnevale, uma festa contagiante, diferente do nosso carnaval. Os corsos atravessam as ruas da cidade, convidando a população a festejar. O Sentinela levou um grupo de samba e gaieira, junto com a dança gaúcha.

Foram 5 dias entre apresentações no palco principal do centro da cidade, corsos (desfiles) e apresentações no teatro municipal, que guarda na sua lateral bela homenagem a Giuseppe Garibaldi. Da Calábria para Sicília era o previsto, mas um telefonema mudou a história. Voltar para Roma era a determinação. A causa era uma doença contagiosa desconhecida que estava afetando o mundo, a partir da China, e que já estava no norte da Itália. Os grupos que viriam para o festival, foram proibidos de entrar.

Depois de muitos telefones e de justificar a impossibilidade de retornar, o grupo seguiu viagem e atravessou o estreito de Messina. Foram 3 dias de turismo na linda Taormina, onde o grupo amanhecia de frente para a Grécia e anoitecia observando o vulcão Etna, não sem antes tomar algo no Bar Vitelli, em Savoca, lembrando o poderoso chefão. Tudo normal, mas notícias chegavam dando conta da covid. Famílias preocupadas, contatos com médicos e autoridades locais e brasileiras, procurando saber o que fazer. E então a notícia de que o festival de Agrigento foi cancelado, mas seríamos hospedados em hotel com vista para o Mediterrâneo e a prefeitura manteria a programação social para os grupos do Brasil e México, únicos que conseguiram chegar até a histórica cidade de 55.00 habitantes.

Brasileiros que lá residem logo trataram de nos receber com carinho e atenção. Edi Prestes, paranaense, lidera os guias turísticos da cidade e foi a cicerone do grupo no período que lá esteve. A cidade estava com poucas alterações. Ainda não se usava máscaras. Os contatos avançaram no sentido de possibilitar o retorno ao Brasil o quanto antes. A covid se alastrava. Então, no início de março, brasileiros e mexicanos correram para o aeroporto de Palermo. O grupo do Brasil conseguiu ir até Roma e dali voltar a São Paulo no último voo autorizado. Antes, uma bateria de exames e testes para verificar a condição de saúde de todos. O grupo teve mais sorte que o México, que permaneceu ainda 4 dias em Roma sem poder embarcar. No retorno o alívio de estar em casa e o sentimento de impotência frente a bossalidade humana que grassava entre alguns.

Hoje me despeço da interinidade, agradecendo imensamente à Profa. Dinara Paixão e ao pessoal do Diário pela oportunidade. Na próxima viagem da mestra, mais histórias do Sentinela pelo mundo. Também curtiu alguns dias na bela praia de Acapulco, terra do Chaves, onde não faltou o tradicional churrasco pelo mundo, e finalizou a viagem na Cidade do México, uma metrópole incrível, cheia de atrações e muita história.

ARQUIVO PESSOAL



*Hoje me despeço da interinidade, agradecendo imensamente à Profa. Dinara Paixão e ao pessoal do Diário pela oportunidade. Na próxima viagem da mestra, mais histórias do Sentinela pelo mundo*

## As tecnologias digitais interativas como recursos chaves no dever de memória

Algumas colunas atrás tratamos da importância de incorporar a tragédia da boate Kiss como parte das memórias da cidade, entendendo que o sofrimento dos familiares e sobreviventes precisa se traduzir em um memorial que renda homenagem em forma permanente às vítimas (12/01/2023). Em Santa Maria, o futuro memorial físico – diferentemente de muitos outros memoriais associados a lugares de sofrimento – não vai preservar nada do local da tragédia. O edifício da boate vai ser completamente derrubado. Na sua idealização foi privilegiada a reparação do sofrimento, a vida, a esperança, a paz por sobre a dor e a morte. Familiares querem-se sentir acolhidos nesse espaço, sem que as imagens de dor e de destruição os perturbem e lhes impeçam participar da homenagem. Seu jardim central simboliza justamente esperança de paz e de sossego.

Ao mesmo tempo, o memorial precisa contar a tragédia para todos aqueles que não estão diretamente envolvidos com a perda e o sofrimento; como são as pessoas que visitam a cidade e as futuras gerações que pouco conhecerão do que aconteceu à medida que a distância com 2013 seja cada vez maior. Hoje as novas tecnologias digitais oferecem alternativas valiosíssimas, podendo contribuir a preservar a memória dos fatos que levaram ao horror: assim a maquete interativa da boate Kiss – criada por uma equipe coordenada por mim inicialmente a pedido do Ministério Público do RS – poderá ser incorporada aos recursos expográficos do futuro memorial através do uso de tablets e óculos de realidade virtual (VR). Assim só os visitantes que desejarem poderão conhecer como era a boate na noite da tragédia aprendendo como as suas irregularidades – seu caráter labiríntico, o uso de espuma tóxica, a ausência de extintores, a falta de saídas de emergência, entre muitas outras – contribuíram para o trágico desfecho uma vez aceso o artefato pirotécnico proibido para uso interno. O dispositivo interativo poderá conter o testemunho dos sobreviventes – da mesma forma que foi utilizado durante o júri – guiando o relato do usuário de forma que sejam as próprias vítimas as protagonistas da narrativa.

Os visitantes poderão escolher o percurso que desejem para conhecer o espaço da tragédia – diferentemente dos materiais audiovisuais que tem um percurso já fixado de antemão pelo realizador. Desta forma todos aqueles que visitem o memorial sem vontade de se vincular explicitamente com os fatos da morte, poderão percorrê-lo sem se incomodar com imagens dolorosas. E a memória dos fatos estará preservada no dispositivo interativo digital. Com este recurso as exposições permanentes poderão dar destaque a tudo que nos vincula com a vida: os sonhos dos jovens que tiveram suas vidas ceifadas, a coragem e resistência dos familiares que ainda lutam por verdade, justiça e memória e a capacidade de todos os santa-marienses – especialmente dos sobreviventes – de continuar a frente com novos sonhos e projetos, mas sem esquecer do passado que estará preservado na maquete interativa.

Com estes princípios como norte, o futuro memorial será um espaço ativo e gerador de vida, promovendo iniciativas de formação pedagógica, escolar, artística, científica e turística sem esquecer ou apagar o relato dos fatos que levaram a tragédia. Com este recurso o futuro memorial às vítimas se colocará a par de experiências patrimoniais do primeiro mundo onde as tecnológicas digitais em 3D e os óculos de VR são utilizados para ensinar sobre experiências de sofrimento extremo – como os campos de extermínio do nazismo – de forma que os jovens, especialmente, possam tirar os ensinamentos fundamentais para que tragédias como a da boate Kiss nunca mais se repitam. O recurso – criado sem fins lucrativos por uma universidade pública em parceria com o MPRS – poderá contribuir em forma decisiva com o dever de memória. Esperamos que os idealizadores do memorial entendam de seu valor e o levem em conta.

ARQUIVO PESSOAL



Os textos publicados neste espaço não expressam necessariamente a opinião do jornal